

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE *EMMA*, DE JANE AUSTEN, EM TRÊS MOMENTOS

SOUZA, Ernesto Dias e¹
NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida²

RESUMO: Este artigo analisa a recepção crítica do romance *Emma*, de Jane Austen, em três distintos períodos: a princípio, a recepção da obra na fase de seu lançamento até a metade do século XIX; posteriormente, a recepção na Inglaterra, Europa e nos Estados Unidos até a metade do século XX e, por fim, a análise dos principais textos originários da segunda metade do século XX em diante. Observaram-se os empecilhos e as problematizações sofridos pela autora enquanto uma escritora e o impacto de tal condição na recepção crítica de sua obra em diferentes países e momentos da história. O eixo teórico da Análise da Recepção, a qual evidencia sua investigação no receptor, fundamentada por Iser, foi empregado.

PALAVRAS-CHAVE: Jane Austen; Autoria feminina; Recepção crítica.

THE CRITICAL RECEPTION OF *EMMA*, BY JANE AUSTEN, IN THREE MOMENTS

ABSTRACT: This article analyzes the critical reception of the novel *Emma*, by Jane Austen, in three distinct periods: the reception of the book in the stage of its release until the middle of the 19th century; the reception in England, Europe and the United States until the middle of the 20th century and, finally, the analysis of main texts which were originated from the second half of the 20th century onwards. The obstacles and problematizations suffered by the author as a female writer and the impact of such condition on the critical reception of her work in different countries and moments in history were

¹ Mestre em Letras: Estudos Literários, tendo sido bolsista do Programa de Bolsas de Pós-Graduação (PBPG), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor particular de Língua Inglesa. Atualmente desenvolve pesquisa sobre os romances de Jane Austen nas mídias sociais. E-mail: ernestodiasouza@gmail.com

² Professora Associada da Faculdade de Letras, da UFJF. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pela UNESP: São José do Rio Preto, SP. Pós-doutora em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ. Pós-doutora em Literaturas de Língua Inglesa no PPG Letras da UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa "Travessias e Feminismo(s): estudos identitários de autoria feminina" e pesquisadora do Grupo "KEW - Kyklos de Estudos Woolfianos". E-mail: nicea.nogueira@ufjf.br

observed. The Reception Analysis theoretical axis, which highlights its investigation into the receiver, founded by Iser, was used.

KEYWORDS: Jane Austen; Female authorship; Critical reception.

Introdução

O estudo descrito neste artigo teve por objetivo analisar a recepção crítica da obra de Jane Austen em três momentos distintos da história, com ênfase no romance *Emma*, publicado originalmente no ano de 1815. O período de produção literária da autora inglesa não proveu condições dignas para que escritoras mulheres fossem capazes de publicar suas respectivas obras. Em meados do final do século XVIII, quando a presença dessas autoras no âmbito literário ainda era muito escassa, Austen dependeu da produção artística de algumas contemporâneas, tais como Ann Radcliffe, Frances Burney, Charlotte Smith, Elizabeth Inchbald, Maria Edgeworth e Amelia Opie, a fim de garantir um mercado para a ficção doméstica feminina.

Jane Austen viveu em uma sociedade caracterizada por traços altamente patriarcais e, assim como outras mulheres que optaram pela escrita, a autora enfrentou uma série de empecilhos e, portanto, não adquiriu a sua própria independência financeira. Esse ofício era limitado aos homens e, por essa razão, a possibilidade de tentar publicar a produção de uma pessoa do sexo feminino poderia vir a arruinar sua imagem na esfera social, isto é, a fama acarretada pela escrita poderia transmitir uma visão de desprestígio. Nessa perspectiva, destaca-se que o modelo idealizado para uma mulher inserida em uma sociedade patriarcal se relacionava principalmente ao ambiente doméstico, sendo cobradas a performar de forma notável os afazeres de casa. Dessa maneira, além da obrigação imposta a esse grupo de dispor de atributos como a modéstia e decência, o processo de escrita deveria ser conciliado a essa série de demandas.

A perda da feminilidade era outro atributo dado às mulheres que se dispunham a entrar no ambiente comercial da escrita, entretanto, George Eliot, Charlotte Brontë e Jane Austen, com seus relativos romances, se dispuseram a confrontar, ainda que de maneira velada, discursos eminentemente misóginos por meio de seus enredos e personagens. As autoras,

naturalmente, já possuíam a noção de que, dentro do contexto social de cada uma, mulheres em geral haveriam de seguir um determinado modo de vida.

O período inicial de recepção crítica selecionado para a análise do romance *Emma* tem como ponto de partida a data de sua publicação para cobrir sua acolhida imediata até o ano de 1850. Periódicos literários e políticos, tais como *Quarterly Review* (1816), *Literary Panorama* (1816) e *Monthly Review* (1816); e publicações em revistas, como as da *British Critic: A New Review* (1816) e *Gentleman's Magazine* (1816), serão tomadas como objetos de análise. Somado a isso, também foram consideradas as recepções registradas pelos próprios familiares e amigos da escritora.

Em um segundo instante, foi investigada a recepção crítica na Inglaterra, na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX e na primeira metade do século XX (1850-1950). Como abordagem crítica, são considerados alguns ensaios em que a autora modernista inglesa Virginia Woolf problematiza o tópico “mulheres e ficção” e tem como exemplo a todo momento Jane Austen.

Por fim, o terceiro momento foi pautado no ano de 1950 até os dias atuais, juntamente à recepção da autora no Brasil e às diversas adaptações de suas obras nas mídias. A crítica literária americana Elaine Showalter e sua obra *A literature of their own* (1977), na qual a autora traceja uma tradição literária de autoria feminina na Inglaterra simultaneamente a investigações de obras e vidas de determinadas autoras, são utilizadas como parte do aporte teórico. Além disso, é considerada a obra referência nos estudos de literatura de autoria feminina *The Madwoman in the Attic* (1979), da também crítica literária americana Sandra Gilbert e da autora Susan Gubar, na qual ambas, por meio de dezesseis ensaios interligados, exploram a produção literária de mulheres que viveram na Inglaterra e nos Estados Unidos durante o século XIX, tal como os seus respectivos contextos de produção.

Em relação à questão da recepção crítica em si, são usados, como aporte teórico, os caminhos traçados pelo crítico literário Wolfgang Iser (1979) a fim da compreensão do texto literário. O estudioso julga ser crucial o enfoque no tipo de relação que o texto estabelece com o leitor durante todo o processo. Destaca-se, ainda, que o texto é um sistema de combinações que deve prover espaços, denominados “vazios” por Iser, para que o leitor seja possibilitado a preenchê-los. Tendo sido realizado tal procedimento, inicia-se, portanto, o real processo de interação entre texto e leitor.

A recepção inicial do romance *Emma* até 1850

Wolfgang Iser pontua o fato de que “é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (1979, p. 105). A princípio, tal relação entre o público leitor e as obras de Austen fora fraca e insuficiente.

O período de vida da autora correspondeu ao engrandecimento do mercado literário, em função do aumento dos processos de produção e distribuição, o que, de certa forma, popularizou a leitura. Entretanto, o hábito de ler, em especial romances, era visto de forma pejorativa pela sociedade. Acreditava-se que os romances corromperiam o gosto e a moral, portanto, era projetado e fundamental que essas obras apresentassem ensinamentos e encaminhassem os leitores para reflexões acerca da conduta considerada adequada. Conforme Fergus (1997), grande parte das revisões sobre as obras de Austen eram breves e acuradas, tomando sempre como destaque a questão da moralidade:

No geral, Austen recebeu poucas críticas - durante sua vida, duas para *Razão e Sensibilidade*, três para *Orgulho e Preconceito*, nenhum para *Mansfield Park* e dez para *Emma* (embora duas delas tenham sido escritos em alemão). A maioria era curta e razoavelmente favorável³. (FERGUS, 1997, p. 18, tradução nossa)

Ao todo, Jane Austen conquistou críticas escassas no que tange às suas obras, essencialmente, pelo fato de ter sido uma escritora. A autora foi diminuída por críticos quando comparada aos escritores. Apesar de ter sido recebida de forma positiva por leitores em geral, haja vista que, entre os anos de 1811 e 1914, suas produções expressaram uma dimensão elevada de edições em inglês, a crítica não se interessou por seu trabalho.

Apenas a família de Austen tinha o conhecimento de que ela era uma escritora, a julgar pelo fato de que a autora publicou suas obras de modo anônimo. *Razão e sensibilidade* (1811) foi o primeiro romance publicado por Austen e, desse momento em diante, a escritora passou a se referir, em seus eventuais futuros romances, como “da mesma autora de *Razão e Sensibilidade*”. Pensa-se que Jane Austen tenha optado pelo anonimato justamente para evitar

³ No original: “On the whole, Austen received few reviews - during her lifetime, two for *Sense and Sensibility*, three for *Pride and Prejudice*, none for *Mansfield Park*, and ten for *Emma* (although two of these were written in German). Most were short and reasonably favourable”.

pré-julgamentos da qualidade do texto pelo fato de ser mulher e para, assim, resguardar sua própria privacidade.

A recepção crítica de familiares e amigos a respeito do romance *Emma* fora majoritariamente positiva. Ao que tudo indica, *Emma* recebera mais destaque favorável por seu caráter moralístico do que o do romance publicado anteriormente, *Mansfield Park* (1814). No entanto, quando a obra é comparada ao romance *Orgulho e preconceito* (1813), obra de maior repercussão da autora, o texto *Emma* parece inferiorizado em termos de grandiosidade e propostas. Para uma amiga próxima, Senhorita Sharp (SOUTHAM, 1968 [1816], p. 59, tradução nossa): “Melhor do que *M.P.* — mas não tão bom quanto *P.&P.* — satisfeita com a heroína por sua originalidade, encantada com o Sr. K — e chamou a Sra. Elton além do elogio. — insatisfeita com Jane Fairfax”⁴.

Emma foi publicado em dezembro de 1815 de forma anônima. Uma recepção crítica positiva de grande destaque para revisar o romance, a convite do editor John Murray, do periódico político e literário *Quarterly Review*, foi a do poeta romântico Walter Scott. O escritor talvez tenha registrado a avaliação mais extensa e profunda, emitida em março de 1816. Em suas palavras, Scott aprecia a destreza de Austen ao retratar com maestria os acontecimentos do cotidiano: “[...] da natureza como ela realmente existe nas caminhadas comuns da vida, e apresentando ao leitor ... uma representação correta e marcante do que está acontecendo diariamente ao seu redor.”⁵ (*apud* SOUTHAM, 1968 [1816], p. 63, tradução nossa). Ainda sob uma nota não assinada, divulgada na publicação trimestral *British Critic: A New Review*, registrada sob a data de julho de 1816, outra recepção crítica favorável ao romance relata que: “[...] o autor de *Emma* nunca ultrapassa os limites de duas famílias particulares, mas conseguiu de uma maneira muito interessante detalhar sua história e formar com materiais tão escassos um conto muito agradável”⁶ (SOUTHAM, 1968 [1816], p. 77, tradução nossa).

Na maioria dos casos, as recepções críticas dos trabalhos de Austen eram amenas e nunca alçavam maiores louvores e enaltecimentos. Teoricamente, seus romances sempre cumpriam o objetivo de entretenimento, porém nada além disso. Tal constatação pode ser

⁴ No original: “Miss Sharp — better than M. P. — but not so well as P. & P. — pleased with the heroine for her originality, delighted with Mr. K — & called Mrs. Elton beyond praise. — dissatisfied with Jane Fairfax”.

⁵ No original: “[...] from nature as she really exists in the common walks of life, and presenting to the reader, instead of the splendid scenes of an imaginary world, a correct and striking representation of that which is daily taking place around him”.

⁶ No original: “[...] The author of *Emma* never goes beyond the boundaries of two private families but has contrived in a very interesting manner to detail their history, and to form out of so slender materials a very pleasing tale”.

claramente observável em uma outra avaliação, na qual o crítico destaca que, apesar da obra não ocupar uma posição elevada dentro da categoria de romances, *Emma* proporciona momentos de diversão para o leitor e, em certa medida, se caracteriza por ser didático. Sob a data de setembro de 1816, também anônima, na revista mensal *Gentleman's Magazine*:

[...] se Emma não puder ser classificada na mais alta classe de romances modernos, certamente pode reivindicar pelo menos um distinto grau de eminência nessa espécie de composição. É divertido, se não instrutivo; e não tem tendência a deteriorar o coração⁷. (SOUTHAM, 1968 [1816], p. 248–9, tradução nossa)

Ainda sob a concepção apática da recepção de suas obras, a escritora vitoriana Charlotte Brontë, em um extrato de uma carta, essa datada de 12 de abril de 1850 para W. S. Williams, exalta, assim como Walter Scott, o realismo presente em suas obras, ao retratar de forma precisa as relações entre os personagens. No entanto, o caráter intrigante de suas produções, segundo Brontë, é o de que elas não vão além do cotidianismo que se faz presente no enredo.

Apesar do reconhecimento restrito durante sua vida, motivado pela falta de credibilidade de suas obras publicadas, a autora dispôs de uma apuração palpável justamente por ter combatido as normas estabelecidas de seu tempo, ao optar pela escrita enquanto mulher. O contexto de produção de Austen não a favoreceu em nada e, ainda assim, a autora conseguiu seu devido reconhecimento a partir do século XX, o qual se estende até os dias atuais.

A recepção crítica na Inglaterra, na Europa e nos EUA (1850-1950): principais textos

Iser (1979) pontua que a disparidade entre texto e leitor ocasiona variadas possibilidades de comunicação que acarretam, por sua vez, em um sentido eventualmente concebido pelo próprio leitor. Assim, “[...] a comunicação entre texto e leitor só tem êxito quando ela se submete a certas condições” (ISER, 1979, p. 89). Tais condições, no entanto, não podem ser tão específicas quando comparadas a uma situação presencial. Como forma de ilustrar tal afirmação, Iser faz uso de uma pontuação feita pela escritora modernista inglesa Virginia Woolf

⁷ No original: “[...] if Emma be not allowed to rank in the very highest class of modern Novels, it certainly may claim at least a distinguished degree of eminence in that species of composition. It is amusing, if not instructive; and has no tendency to deteriorate the heart”.

em sua famosa coleção de ensaios *The common reader*, originalmente publicada em 1925, a respeito das características de Jane Austen enquanto uma escritora e suas respectivas obras. Woolf aprecia o fato de que Austen entusiasma e conduz o leitor para as circunstâncias do romance, motivando-o a preencher determinados vazios presentes nos diálogos:

Jane Austen é, portanto, uma amante de emoções muito mais profundas do que parece na superfície. Ela nos estimula a suprir o que não existe. O que ela oferece é, aparentemente, uma ninharia, mas é composto de algo que se expande na mente do leitor e dota da forma mais duradoura de cenas da vida que são aparentemente triviais. Sempre a ênfase é colocada sobre o caráter⁸.
(WOOLF, 1948, p.174, tradução nossa)

É pertinente pontuar que Virginia Woolf foi pioneira ao abordar indagações a respeito das condições, empecilhos e imposições de caráter social que foram combatidas por mulheres que optaram pela vida literária. Em seu ensaio *Um teto todo seu* (1929), a autora indaga o motivo pelo qual, no período elizabetano, momento de maior riqueza em termos de composição artística, não houve produção literária expressiva de autoria feminina. Woolf ainda destaca o tratamento que ambos os sexos recebiam, evidenciando a questão da submissão das mulheres diante de seus respectivos maridos, o que, conseqüentemente, resultava em uma dependência financeira.

A noção do conceito de uma “sentença feminina” no âmbito de produção literária também é apresentada por Woolf. O peso, o ritmo e o passo da mente de um homem não seriam capazes de expressar a experiência e a herança das mulheres. Como forma de ilustrar tal observação, a escritora cita Charlotte Brontë e George Eliot como autoras que falharam ao fazer uso de tal sentença e aprecia o fato de Austen se expressar com grandeza, mantendo-se sempre fiel à sua visão de mundo enquanto uma escritora mulher.

A autora de *Passeio ao farol* toma como referência diversas escritoras do século XIX, tais como as irmãs Brontë e George Eliot, no entanto, é evidente, em sua escrita, sua admiração em especial por Jane Austen. Woolf salienta o contexto sufocante no qual Austen escreveu suas

⁸ No original: “Jane Austen is thus a mistress of much deeper emotion than appears upon the surface. She stimulates us to supply what is not there. What she offers is, apparently, a trifle, yet is composed of something that expands in the reader’s mind and endows with the most enduring form of life scenes which are outwardly trivial. Always the stress is laid upon character”.

obras até o fim de sua vida, sendo que o título do ensaio *Um teto todo seu*, de Woolf, faz inferência justamente à explicação de que mulheres escritoras não possuíam um cômodo próprio em suas respectivas casas para se dedicarem à escrita. A escritora de *Mrs. Dalloway* ainda vai além ao declarar que Austen, no início dos anos 1800, foi uma autora que escreveu sem medo, ódio, amargura, protesto e sem pregação:

Se Jane Austen sofreu de alguma forma, foi definitivamente por conta de limitações impostas à sua vida: uma mulher nunca podia sair sozinha, viajar ou até mesmo se dirigir à Londres – porém, talvez não estivesse na essência da autora almejar o que ela não podia ter. (WOOLF, 1990, p. 174)

Em termos de recepção crítica, Woolf tece comentários específicos a respeito do romance *Emma*. A autora de *Orlando* enaltece a grandiosidade de Austen por ser precisa ao saber reter a ansiedade e a dúvida do leitor durante todo o enredo com múltiplas mudanças que ocorrem ao longo da história, além de propiciar reflexões intensas, que se afastam da mera aparência. Características como os salões de baile, vestidos, etiqueta e bons modos são puramente artifícios utilizados por Austen para compor sua arte abstrata que se distancia da superfície.

No ensaio intitulado *Jane Austen* (1925), Woolf expõe uma breve linha do tempo a respeito da vida da autora, afirmando que tudo o que hoje é conhecido a respeito da mesma se faz proveniente de boatos e especulações encontradas em cartas para sua irmã Cassandra. Diante de uma admiração imensa por Austen, Virginia Woolf engrandece as qualidades de uma mulher que começou a escrever ainda na sua juventude, em um contexto nada favorável e que tristemente faleceu no momento o qual começara a adquirir confiança.

A recepção de Jane Austen nos Estados Unidos até por volta dos cinquenta anos que sucederam sua morte, conforme Sarah Wood (1987), era baixa devido à decadência do romantismo e ao baixo prestígio do gênero romance. Somente no final do século XIX seu reconhecimento se expandiu. A estudiosa ainda divide a recepção crítica em quatro momentos distintos: o primeiro deles, entre os anos de 1832-1851, como o período de ausência de críticas; o segundo, entre 1852-1869, no qual um interesse significativo pela obra de Austen de fato aconteceu; o terceiro, datado entre 1870-1881, em que a autora alcançou uma elevada estima por parte dos críticos; e, finalmente, o quarto e último, entre os anos de 1882-1900, período no qual as críticas foram divididas entre avaliações opostas: de um lado, críticos que a prezavam

altamente por sua genialidade e de outro, críticos que a descreviam como uma autora de “visão limitada da vida” e sua obra como enfadonha.

Em um artigo de uma edição de 1882 do *O mundo literário*, revista semanal estadunidense, apesar de o crítico a descrevê-la como perspicaz e sagaz, associando-a à escritora Maria Edgeworth, também a atribui a característica de uma romancista restrita, ao assumir que parte dessa limitação poderia ser proveniente de sua vida particular.

Entre o período de 1870 a 1881, o maior número de críticas que Austen recebera se deu por conta da publicação de *Uma memória de Jane Austen* (1869), uma autobiografia escrita por seu sobrinho James Edward Austen-Leigh. Entretanto, muitos enganos a respeito da imagem da autora surgiram após a publicação de sua autobiografia. Para ilustrar tal situação, um analista de autoria anônima caracterizou Austen como esnobe, bem como a sua personagem Emma. O mesmo crítico ainda destaca uma fala da protagonista no romance, na qual ela diz: “Os camponeses independentes são precisamente a ordem de pessoas com quem sinto que não posso ter nada a ver”⁹ (AUSTEN, 2003, p. 22, tradução nossa). Por essa razão, como é apontado por Sarah Wood, o crítico justifica o desinteresse de muitos americanos em seus romances justamente por desacreditarem na concepção de casta social e por serem camponeses:

Decididamente ela acredita na casta social, em gentileza, e sua conexão com riqueza e boa família; em sua incompatibilidade com qualquer tipo de trabalho, exceto alguns muito refinados e privilegiados; na impossibilidade de ser ao mesmo tempo um cavalheiro e um comerciante, muito mais um operário ou mecânico¹⁰. (WOOD, 1987, p. 39, tradução nossa)

O contexto social dos romances de Austen não se assemelhava à conjuntura comunitária de vida dos americanos e por essa razão, certa resistência surgiu por parte da população estadunidense. Precisamente também, pelo fato de que ambos os países, tanto a Inglaterra quanto os Estados Unidos, estarem vivenciando diferentes momentos em suas respectivas histórias enquanto nações.

⁹ No original: “The yeomanry are precisely the order of people with whom I feel I can have nothing to do”.

¹⁰ No original: “Decidedly she believes in social caste, in gentility, and its connection with affluence and good family; in its incompatibility with any but certain very refined and privileged kinds of labor; in the impossibility of being at once a gentleman and a trader, much more a yeoman or mechanic”.

Panorama crítico a partir de 1950

Sandra Gilbert e Susan Gubar, em seu livro *The Madwoman in the Attic* (1979), especificamente no segundo capítulo dedicado à autora selecionada para este estudo, *Inside the House of Fiction: Jane Austen's Tenants of Possibility*, discutem o enclausuramento imposto às autoras mulheres inseridas em uma sociedade patriarcal, tendo como referência a Literatura Vitoriana do século XIX. Gilbert e Gubar discutem questões relativas ao anonimato e à própria consciência, por parte das escritoras da época, de suas respectivas incapacidades de penetrar e firmar no campo literário. No entanto, também destacam o fato de que Jane Austen, por meio de suas obras, não se absteve de expressar sua insatisfação diante dessa condição restritiva às quais as mulheres em geral eram submetidas.

Ainda de acordo com Gilbert e Gubar, o anonimato e a descrição de Austen inferem, indiretamente, uma crítica e aversão ao contexto social de sua época, o que eventualmente levou a autora, por exemplo, a se referir à sua arte como “pouco (duas polegadas de largura) de marfim”. Concomitantemente, tal fato indica a insegurança e o temor de Austen, em meio ao seu contexto social, de assumir sua posição enquanto uma mulher escritora: “A analogia de Austen para sua arte – seu “pouco (duas polegadas de largura) de marfim” – sugere uma fragilidade que nos lembra o risco e a instabilidade fora do espaço ficcional.” (GILBERT; GUBAR, 1979, p. 129, tradução nossa)¹¹

A respeito da própria recepção da autora diante de sua herança augustina¹², Gilbert e Gubar apontam a tentativa de Austen de se distanciar de tal ancestralidade, que também tem como base uma sociedade patriarcal, porém com traços mais solidificados. A escritora inglesa encarava as personagens femininas de autores da época augustina como artificiais e fracas. Ainda no que se refere a tradições patriarcais, ela julgava que tais hábitos precisariam ser avaliados e reinterpretados sob uma ótica feminina, haja vista o caráter prejudicial às mulheres de se acomodarem e viverem em uma cultura criada única e exclusivamente por homens.

Elaine Showalter, em sua obra *A literature of their own* (1999), assim como Virginia Woolf fizera anteriormente, contribuiu de forma significativa para os estudos do feminismo. Showalter evidenciou seu entusiasmo ao reacender a busca pela representação da subjetividade feminina por meio de uma leitura feminista de textos de algumas autoras que foram

¹¹ No original: “Austen’s analogy for her art — her “little bit (two Inches wide) of Ivory”—suggests a fragility that reminds us of the risk and instability outside the fictional space.”

¹² A expressão *Literatura Augustina* surgiu de autores das décadas de 1720's e 1730's na Inglaterra.

negligenciadas ao longo do tempo. A crítica literária americana ainda interpretou a escrita reivindicativa de autoras do século XIX como uma busca pela liberdade e pelo diferente. Para ilustrar tal questão, Showalter destacou o fato de que Jane Austen firmou sua posição dentro da tradição literária de autoria feminina com a publicação do romance *Emma*.

No tocante à recepção de Jane Austen no Brasil, Campos, Rosa e Vicentin (2014) destacam que, em 1940, o romance *Orgulho e preconceito* foi traduzido para o português por Lucio Cardoso, pela editora José Olympio. Precedentemente, até meados de 1914, a publicação dos livros de Austen havia sido majoritariamente reservada a países como Inglaterra e França.

A primeira adaptação britânica de *Emma* para televisão, de acordo com Parrill (2002), foi feita pela BBC TV em 1948. Em razão do tempo de duração limitado, a estudiosa aponta falhas presentes no longa metragem e até mesmo destaca a ausência de certos acontecimentos do romance. Já nos Estados Unidos, em 1954 e com duração de uma hora, apresentado pela *NBC's Kraft Television Theatre*, uma apresentação ao vivo em preto e branco foi dramatizada. Entretanto, segundo Parrill: “Ela (a adaptação do *Kraft Television Theatre*) explora apenas os elementos mais superficiais do romance”¹³ (PARRILL, 2002, p. 114, tradução nossa).

No que diz respeito a versões cinematográficas, a primeira delas, britânica, foi transmitida pela BBC-2 TV. A segunda, lançada em 1995 pela distribuidora *Paramount Pictures Corporation* – uma empresa americana de produção e distribuição de filmes e televisão – com o nome de *Clueless (No Brasil: As Patricinhas de Beverly Hills)*, foi, na verdade, uma adaptação de *Emma* para o contexto dos anos 1990 na Califórnia.

Posteriormente, em julho de 1996 nos Estados Unidos, a Miramax, uma empresa de entretenimento estadunidense, lançou uma terceira adaptação para os cinemas. Ainda de acordo com Parrill, “A versão da Miramax aperta muito com alguns cortes rápidos” (PARRILL, 2002, p. 141, tradução nossa)¹⁴. No mesmo ano, lançado pela Meridian/A&E, visualizou-se uma outra versão de *Emma*. Ao comparar a versão britânica com as outras duas americanas, Parrill declara: “[...] enquanto a versão Meridian/A&E é a mais obviamente revisionista, ambas as versões cinematográficas americanas – *Clueless* e o Miramax *Emma* – minam a noção de classe ao retratá-la”¹⁵. (PARRILL, 2002, p. 133, tradução nossa)

¹³ No original: “[...] It exploits only the most superficial elements of the novel”.

¹⁴ No original: “[...] The Miramax version squeezes in a great deal with some quick cutting”.

¹⁵ No original: “[...] while the Meridian/A&E version is the most obviously revisionist, both of the American film versions — *Clueless* and the Miramax *Emma* — undermine the notion of class while subscribing to it”.

Recentemente, destaca-se atenção para o fato de que as mídias sociais desempenham uma função relevante no cotidiano das pessoas em geral e, como consequência, um novo arranjo comunicacional se instaurou. Tendo em vista tal cenário, Jane Austen se faz altamente presente nas mídias sociais na contemporaneidade, como no *Facebook*, *Instagram*, *Telegram*, *Twitter* e em *Blogs*. A título de exemplificação, palestras ministradas pelos mais renomados estudiosos de Literatura Inglesa assim como conferências mundiais (*TED talks*), também a respeito do mesmo tópico podem ser encontradas no *Youtube*. A divulgação de minicursos por meio de instituições federais se faz ativa na rede social *Instagram* e, como um instrumento de complementação de tais cursos, tem-se a rede *Telegram*, que é usada como um espaço para debates.

Considerações finais

Durante sua vida, a escritora Jane Austen recebeu uma recepção crítica leve e enfraquecida, além de pouco reconhecimento devido ao contexto de sua sociedade patriarcal. No entanto, isso não a impediu de resistir às estipulações determinadas pelo patriarcado e, mesmo que de forma anônima, alcançou o êxito de publicar seis romances. Verificou-se, nesse sentido, que, a partir do século XX, Austen ganhou o devido reconhecimento e a conquista de uma posição no cânone literário inglês, fazendo com que suas obras viessem a ganhar destaque e as mais variadas adaptações nas mídias televisiva e cinematográfica.

O retrato social delineado por Austen em *Emma* assegura a qualidade do enredo e, como pontuado por Walter Scott, a também sagacidade da autora ao narrar acontecimentos rotineiros se apresenta de forma brilhante. Além disso, a abordagem de temas universais em suas obras de modo em geral, não somente em *Emma*, juntamente à concessão de opiniões próprias às suas personagens endossam a popularidade de Austen até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Isabella Vieira de Souza. As representações de educação feminina nos filmes/romances de Jane Austen. 2014. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.
- AUSTEN, Jane. *Emma*. New York: Penguin, 2003.

- AUSTEN-LEIGH, J. E. *Memoir of Jane Austen*. Londres: Richard Bentley & Son, 1871. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/17797/17797-h/17797h.htm>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BAUTZ, Annika. *The Reception of Jane Austen and Walter Scott: a comparative longitudinal study*. London: Continuum, 2007.
- CAMPOS, Isabella Maria Navarro Beneveni; ROSA, Clarissa Resende; VICENTIN, Isabela Scarassati. A recepção e circulação dos romances de Jane Austen na Inglaterra, França e Brasil no período de 1811 a 1914. In: *Língua, Literatura e Ensino*, Campinas, v. 9, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/4562>. Acesso em: 16 maio 2023.
- GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University, 2000.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.
- _____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional [1983]. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2, p. 955-985.
- MUSMANNO, Luana Maricato. *Perspectivas intersemióticas e transmidialidade: adaptando Jane Austen no século XXI*. 2015, 180 f. Tese (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- PARRILL, Sue. *Jane Austen on film and television: a critical study of the adaptations*. Jefferson: McFarland, 2002.
- SHOWALTER, Elaine. The female tradition. In: _____. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University, 1999. p. 3-36.
- SOUTHAM, B.C. *Jane Austen Volume 1, 1811–1870*. London: Routledge, 1968.
- WOOD, Sarah. *The American reception of Jane Austen's novels from 1800 to 1900*. Dissertação (Mestre em Letras) – North Texas State University, Denton, 1987. Disponível em: https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc500351/m2/1/high_res_d/1002775197-Wood.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022.
- WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*: Virginia Woolf. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- _____. *The common reader*. London: The Hogarth Press, 1948.
- _____. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.